

ANÁLISE DE MERCADO
ESPECIAL **PERSPECTIVAS** 2017

 Telecomunicações



O setor de Telecom tem passado por inúmeras transformações nos últimos anos. Mudanças tecnológicas, concorrenciais e regulatórias têm dinamizado ou retraído o desempenho do mercado. Dentre os diversos temas que movimentaram 2016, certamente a mudança na Lei Geral de Telecomunicações (LGT) foi o mais relevante.

O projeto de lei que tramitou no congresso ao longo do ano buscava atualizar e adaptar ao contexto atual a LGT que foi feita em 1997. A principal modificação proposta está na migração dos contratos que transformará a concessão de telefonia fixa em regime de autorização, com liberdade para as operadoras definirem os investimentos e deixando os preços a mercado. Além disso, o projeto acaba com as metas de ampliação da oferta de linhas de telefone fixo à população, bem como com as imposições de investimentos em novos orelhões públicos. Esse montante de investimento previsto até 2025 será redirecionado para os serviços de banda larga. Outro ponto bastante importante é o fim da reversibilidade dos ativos da concessão. Isto é, as operadoras não precisarão devolver os bens “herdados” do sistema Telebras ao final dos contratos, mas deverão aplicar a valoração estimada desses ativos também em banda larga. Para o mercado de telefonia móvel há duas medidas de suma significância que estão no projeto. Uma se refere às licenças de telefonia celular adquiridas em leilões de radiofrequência da Anatel que poderão ser vendidas para outras operadoras a partir de agora, isso porque a transferência só podia ocorrer com a compra do controle societário da operadora. Com essa medida regulatória abre-se o mercado secundário de telefonia móvel no Brasil que deverá contribuir para o desenvolvimento da indústria, ao passo que o setor poderá deixar de ser um oligopólio com a entrada de outros *players*. E a outra medida em telefonia móvel estabelece

que as licenças de telefonia celular e satélite poderão ser prorrogadas por mais de uma vez, mediante a compromissos de investimentos aprovados pela Anatel.

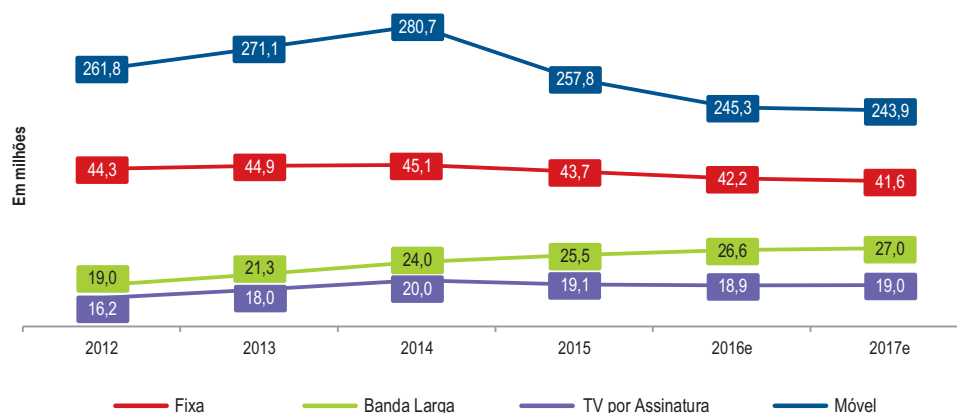
Todas essas alterações deverão beneficiar o setor a partir do próximo ano, sendo que a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) estabeleceu a data de 28 de fevereiro de 2017 para que as operadoras assinem os novos contratos de concessão de telefonia fixa.

A Oi, que enfrenta um turbulento processo de recuperação judicial, com dívidas na casa dos R\$ 65 bilhões, poderá economizar com a manutenção de telefones públicos, linhas de cobre e reduzir significativamente antigas estruturas e equipamentos, como orelhões, por exemplo. A operadora tem um serviço de concessão de voz fixa na maioria dos Estados do país. Na Telefônica Brasil, que tem a concessão da rede fixa no Estado de São Paulo, a economia também virá, principalmente se conseguir fazer investimentos em banda larga de maneira mais eficiente, tendo gastos abaixo do previsto pela Anatel, criando valor para a companhia. E a América Móvil também será beneficiada, pois tem a rede de voz fixa da Embratel, mas a estrutura é bem menor que as da Oi e da Telefônica. A TIM opera uma rede fixa, mas já em regime de autorização.

Após a privatização do sistema de telecomunicações no fim dos anos 90 e depois dos saltos tecnológicos da última década, o mercado brasileiro atingiu sua maturidade apresentando menor crescimento de usuários e abrindo espaço para a consolidação do setor. Levando-se em conta os dados da Anatel, podemos ver no gráfico abaixo o movimento dos últimos anos, as estimativas para 2016 e a nossa projeção para cada ramo de telefonia em 2017.



Base de Usuários por Segmento de Telefonia



Fonte: Anatel e Empresas. Projeções: Análise Coinvalores.

Em telefonia móvel, a queda nas linhas de celulares é explicada pelo movimento iniciado em 2015 de reduzir a cobrança nas ligações entre operadoras, tendo em vista os cortes de tarifas regulatórias. Dessa forma, os players passaram a ofertar planos de voz com custos menores, o que tem levado ao desuso de mais de uma linha por celular pela população. Contudo, a tendência do segmento permanece sustentada na migração de clientes do segmento pré-pago para o pós-pago, bem como na maior penetração das tecnologias 3G e 4G nos serviços móveis. Entre as tecnologias, a base de terminais 3G alcançou a participação de 53,6% no total de acessos móveis, já o serviço de 4G, que iniciou sua oferta no começo de 2013 totalizou 52,6 milhões de terminais ativos até outubro de 2016, salto de 106,8% e participação de 21,4% no mercado total. Atualmente, o 4G opera na faixa de 2,5GHz e espera-se para o ano que vem

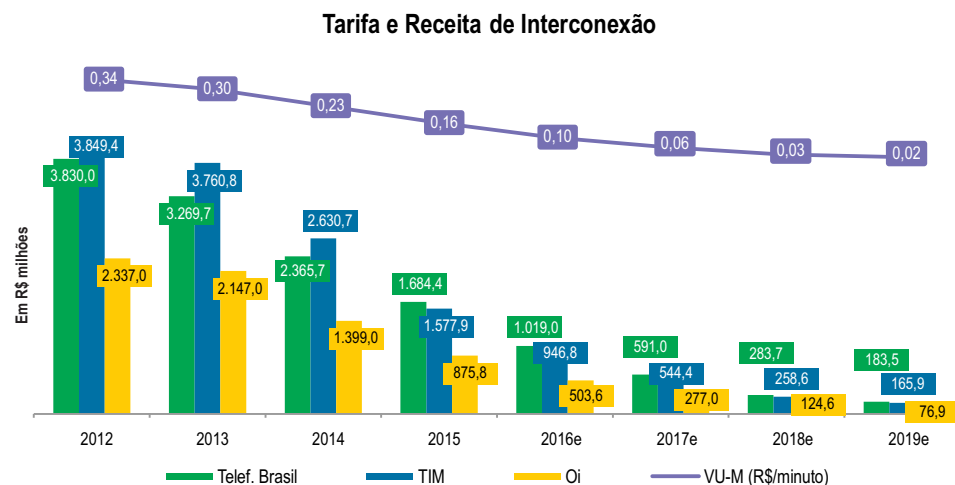
a entrada na faixa de 700MHz, atual espectro de transmissão da TV aberta analógica. Porém, será necessário aguardar o chamado *switch-off*, processo em que a frequência será desligada, ficando livre para que as operadoras possam utilizar a faixa para a expansão do 4G.

Para o próximo ano, o decréscimo estimado de 1,4% em telefonia fixa, o crescimento de 1,5% em banda larga e de 0,5% em TV por assinatura virá, sobretudo, das ofertas de pacotes convergentes, isto é, aqueles que combinam os três serviços (*triple-play*) em uma só assinatura e que também podem incluir planos de telefonia móvel (*quadruple-play*). Contudo, a desconexão de linhas de voz fixa é a tendência que não deverá ser revertida mais. Este movimento é importante, pois vários competidores ofertam um produto relativamente homogêneo e de baixo custo marginal, o que leva, inevitavelmente, a uma tendência de redução nos preços dos serviços e na rentabilidade da operação. Nesse sentido, a oferta de serviços de maior valor adicionado (SVA) deve ganhar papel importante na estratégia das operadoras de telefonia fixa.

O risco regulatório permanece alto. O principal exemplo disto são os cortes obrigatórios na tarifa interconexão (VU-M) que é paga pela operadora de telefonia fixa para a de telefonia móvel. Isso se iniciou em 2012 e, até 2019, a VU-M deverá reduzir-se em mais de 94%, quando atingirá um valor médio em torno de R\$ 0,02/minuto. No gráfico abaixo, demonstramos o cronograma da VU-M e seus impactos nas receitas das operadoras. Adicionalmente, esta redução na interconexão deverá se refletir nos preços, pois haverá aumento da competição no setor. Isso porque com valores de interconexão altos, as chamadas para outras

operadoras são mais caras do que os preços das chamadas *on-net* (dentro da mesma rede). Com a medida, espera-se que os preços *off-net* (ligações feitas entre operadoras diferentes) se tornem mais próximos dos valores *on-net*.

nossa visão, uma sensível melhora no horizonte dessas companhias, o que pode abrir interessante oportunidade para os investidores dada a atual precificação dos ativos do setor.



Fonte: Anatel. Projeções: Análise Coinvalores.

As perspectivas para o setor de Telecom tornaram-se melhores a partir das positivas mudanças regulatórias que se encaminharam no ano de 2016. Entretanto, as operadoras terão que se reinventar frequentemente através de novas ofertas para se diferenciar dos *players* e sobreviver no mercado que cada vez mais também enfrentará concorrência externa. Serviços como vídeos em streaming, soluções de pagamentos móveis (*m-payment*) e outros deverão ganhar importância, compensando a perda de receita com os serviços tradicionais. Ainda que o contexto siga bastante atribulado, tanto por questões operacionais quanto por alterações regulatórias em curso, há, em